

A batalha do Enem

Eliezer Pacheco*

A enorme ofensiva desencadeada contra o Exame Nacional do Ensino Médio (Enem) tem profundas características políticas e ideológicas de caráter conservador e mercantilista. O Enem mexe com interesses empresariais — ensino privado, cursinhos, fundações — e de classe, em especial os da pequena burguesia urbana, acostumada a disputar apenas entre si as vagas das universidades públicas brasileiras. Isto explica o sensacionalismo alimentado nos grandes veículos de comunicação em torno de um problema que atingiu pouco mais de dois mil alunos, em um universo de quase quatro milhões.

A indústria do vestibular que já enriqueceu muita gente e realiza uma seleção de classe no concurso para ingresso na universidade encontra-se ameaçada pelo novo exame. O sistema de vestibular destruiu pedagogicamente o ensino médio brasileiro que aos poucos foi deixando de ensinar para treinar fórmulas e macetes de como ser aprovado. Hoje, o ensino médio encontra-se destruído, com enorme crise de identidade e taxas enormes de evasão, pois sua única finalidade é preparar para o vestibular. Quando a universidade mostra-se inatingível para o jovem trabalhador este deixa a escola.

Ao propor uma prova nacional que permite o estabelecimento de objetivos nacionais de aprendizagem, questões interdisciplinares voltadas para a solução de problemas, o Enem coloca a aprendizagem como instrumento da formação da cidadania. Isto torna o cursinho algo obsoleto, pois não são cursos rápidos, salas lotadas e um *showman* que preparará o estudante para este tipo de prova. Não acreditem, portanto, em anúncios de cursos preparatórios para o Enem. É propaganda enganosa. Da mesma forma, as escolas precisam de uma preparação mais sofisticada, reflexiva e professores mais preparados.

O caráter nacional do exame contraria os interesses da classe média, pois democratiza o acesso. As vagas de um curso muito procurado eram disputadas apenas por jovens das proximidades. No máximo, alguns do interior do estado. Hoje, pessoas do Brasil inteiro participam da seleção, o que é fundamental, pois estas instituições de excelência devem estar a serviço do país e não apenas de uma região.

O Enem, o sistema de cotas, que tanto ódio desperta, a expansão das universidades e dos institutos federais de educação, ciência e tecnologia e o Programa Universidade Para Todos (Prouni) são parte de um processo irreversível de democratização de um país marcado historicamente pelo elitismo. Ainda ouviremos muito choro e ranger de dentes de uma elite e uma classe média acostumada com seus privilégios. Mas a batalha continua.

*É professor e secretário de educação profissional do MEC